

OS LIVROS DE LEITURA ¿QUIERES LEER? E QUERES LER?: DO URUGUAI PARA O RIO GRANDE DO SUL¹

CAROLINE BRAGA MICHEL^{*}
EDUARDO ARRIADA^{**}
ELIANE PERES^{**}

RESUMO

O objetivo deste artigo é fazer uma comparação entre a obra didática para ensino da leitura e da escrita *¿Quieres Leer?*, do professor uruguaio José Henriques Figueira e a adaptação *Queres Ler?*, feita pelas professoras gaúchas Olga Acauan e Branca Diva Pereira e publicada pela Editora Selbach, do Rio Grande do Sul (Brasil). Tratava-se de um livro cujo método era caracterizado como “*intuitivo analítico-sintético de leitura e escrita corrente de palavras e frases básicas ou normais*”. Com o intuito de identificar similaridades e diferenças utilizamos, para essa análise comparativa, três exemplares: uma edição uruguaia (s/d) e duas edições gaúchas – 3ª ed. (1929) e 32ª ed. (s/d). Foram cotejados tanto aspectos referentes à proposta didático-pedagógica como gráfico-editorial.

Palavras-chave: *¿Quieres Leer?*; *Queres Ler?*; Uruguaio-Rio Grande do Sul

ABSTRACT

This paper is aimed at comparing the textbook for the teaching of reading and writing *¿Quieres Leer?*, by the Uruguayan professor José Henriques Figueira, with the adaptation *Queres ler?* carried out by the south-Brazilian professors Olga Acauan and Branca Diva Pereira, published by Selbach publishing house, in the State of Rio Grande do Sul, Brazil. It was a book whose method was characterized as “analytic-synthetic intuitive for the current reading and writing of basic and normal words and sentences”. In order to identify similarities and

¹ Esta pesquisa contou com apoio financeiro do CNPq.

^{*} Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPel.

^{**} Mestrado em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (1991). Atualmente, é Professor assistente da Universidade Federal de Pelotas.

^{**} Possui graduação em Pedagogia pela Universidade Estadual de Londrina (1989), Especialização em Educação pela Universidade Federal de Pelotas (1992), Mestrado em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1995) e Doutorado em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais (2000), com Estágio no Exterior (PDEE) na Universidade de Lisboa (“doutorado-sanduíche”). Realizou estágio de pós-doutorado (com bolsa CAPES) na University of Illinois at Urbana-Champaign (USA) em 2011-2012.

differences, for this analytical comparison, three editions were used: one Uruguayan (n/d) and two south-Brazilian issues – 3rd edition (1929) and 32nd edition (n/d). Aspects regarding the didactic and pedagogical as well as the graphic and editorial proposals were taken into account.

KeyWords: ¿Quieres Leer?; Queres Ler?; Uruguay-Rio Grande do Sul

INTRODUÇÃO

O livro *Queres Ler?*, obra didática adaptada da versão uruguaia do *Primeiro Livro ¿Quieres Leer?*, identifica uma geração de professoras e alunos das escolas gaúchas dos anos 20-30 do século XX. Alguns estudos foram realizados sobre essa obra (PERES, 1999; TRINDADE, 2001), evidenciando, entre outros aspectos, que esse livro marcou um período de escolarização e do ensino, apresentando um “novo método de leitura” no cenário gaúcho a partir dos anos 20 do século XX.

Considerando a relevância dessa temática, temos por objetivo, neste artigo, cotejar a edição uruguaia do *Primeiro Livro ¿Quieres Leer?*, do professor José Henriques Figueira, com a adaptação gaúcha feita por Olga Acauan e Branca Diva Pereira de Souza. Para tanto, utilizamos três exemplares, um publicado em Montevideu e dois publicados no Rio Grande do Sul². Cabe destacar que a opção por trabalhar com duas edições gaúchas, a 3^a ed. (1929) e a 32^a (s/d), deve-se ao fato de identificarmos diferenças significativas entre essas edições.

Nesse sentido, salientamos que o exemplar que dispomos da edição uruguaia não possui data e número de edição, consta apenas a informação de que foi publicado pelos editores “Casa A. Barreiro y Ramos S.A. – Montevideo”. Já as duas edições gaúchas foram publicadas pela Livraria Selbach de J. R. da Fonseca & Cia – Porto Alegre, sendo, elas, a 3^a edição, de 1929, e a 32^a edição, sem data.

O foco deste trabalho é tratar o livro como objeto de estudo na perspectiva de uma história de sua edição (FRADE, 2006); logo, procuramos cotejar nos três exemplares os seguintes aspectos: a capa, a “configuração das páginas”, as quatro partes que compõem a obra – constituídas pelos grupos de “palavras normais” e pelos

² Os exemplares utilizados para a realização deste trabalho fazem parte dos acervos particulares do Prof. Dr. Elomar Tambara (edição uruguaia) e do Prof. Dr. Eduardo Ariada (edições gaúchas), aos quais agradecemos pelo empréstimo.

trechos literários –, a organização do livro e, por fim, as notas de orientações aos professores.

É importante ressaltar que esse trabalho foi realizado na perspectiva que compreende que a materialidade do livro e os aspectos gráfico-editoriais são fundamentais na análise de obras didáticas (CHARTIER, 1996, 2000; FRADE, 2010a, 2010b, 2010c), considerando, sobretudo, que projetos gráfico-editoriais e pedagogias do ensino da leitura e escrita estão associados na produção de livros didáticos.

Vale destacar, ainda, que diversos estudos sobre os processos editoriais (PFROMM NETTO, 1974; HALLEWELL, 2005; ARRIADA & TAMBARA, 2014) têm demonstrado especificidades contextuais, bem como disputas internas de diversas editoras, na busca do domínio de um mercado que se consolidava: a edição de cartilhas e livros de leitura. No contexto do Rio Grande do Sul, nas últimas décadas do século XIX, assim como nos primeiros anos do século XX, o eixo Pelotas/Rio Grande, por intermédio das Livrarias Americanas e Livraria Universal, dominava o mercado editorial de livros de leitura. Salientamos nesse sentido, a série de livros didáticos de Hilário Ribeiro. Muitas obras desse autor alcançaram várias edições como, por exemplo, o do Terceiro Livro de Leitura, que, em 1883, atingia a 7ª edição.

Posteriormente, as editoras da capital, por meio das editoras Rodolfo José Machado, Selbach e Globo, passaram a dominar esse mercado. Dentre as produções dessas editoras, destaca-se o *Queres Ler?*, editado pela casa editorial Selbach, que, ao longo dos anos, superou mais de 30 edições.

Dessa forma, salientamos que cartilhas, livros de leitura, cartas de ABC fizeram parte de uma cadeia editorial de produção voltada para o processo de escolarização. Um discurso de modernidade estava presente nos relatórios das autoridades públicas. Interesses permeavam a adoção de algumas obras, em detrimentos de outras. Para além dos métodos, havia preocupações de ordem política, em que propugnar ideias e/ou doutrinas similares àquelas que o governo pregava, contava muito.

Para Chartier (1999, p. 41), os comerciantes de livros, ou seja, os livreiros, valorizam o consumidor do produto (no caso os leitores), em detrimento do autor. O que adquire mais importância é a “dimensão do mercado, do público, do leitor: o que se traduz, na página de título, pela presença da marca do livreiro-editor, às vezes do endereço em que se pode encontrar o livro, e, nas preliminares, pela existência das notas ao leitor”.

Assim, na capa ou na folha de rosto, ao constar referências implícitas de sua aprovação, por si só, já era indicativo de sua relevância, como pode ser observado na obra *Queres Ler?* “Obra aprovada, em 1924, pela Comissão de exame de obras pedagógicas e adotada em inúmeros estabelecimentos de ensino público e particular”. Desta forma, com o aval das autoridades públicas, ficava assegurada a seriedade do texto.

Considerando essas questões, na sequência do artigo, apresentamos, primeiramente, algumas características da época em que a obra *Queres Ler?* foi adaptada e adotada nas escolas do Rio Grande do Sul para, posteriormente, apresentar as análises da comparação realizada entre as edições uruguaia e rio-grandenses.

1. O CONTEXTO DE PRODUÇÃO/ADAPTAÇÃO DA OBRA DIDÁTICA QUERES LER?

O Estado gaúcho, na Primeira República (1890-1930), em função do projeto e dos discursos do Partido Republicano Rio-Grandense (PRR), sob forte influência positivista, passou por significativas mudanças de ordem econômica, política, cultural e educacional, dentre elas, a expansão do sistema de ensino (TAMBARA 1995; GIOLO, 1997; CORSETTI, 1998). Com o objetivo de eliminar todo e qualquer resquício do passado que fosse referente à estagnação, à escravidão e à ignorância, a “velha ordem” perdeu força, dando espaço a uma proposta baseada nos princípios positivistas que buscava, entre outras coisas, reorganizar a sociedade com sustentação nas ideias de liberdade e de igualdade.

A educação, por sua vez, passou a receber atenção especial, uma vez que o progresso do Estado estava associado à formação social, isto é, havia o entendimento de que seria através da educação que os sujeitos poderiam sair da “ignorância” e serem educados de forma a ter aptidão para governar-se e adquirir o gosto pelo exercício da liberdade e da consciência nacional.

Neste contexto e no esforço de produzir o “novo”, o moderno, de qualificar e de (re) organizar o ensino público (PERES, 1999; 2000), foi organizada e encaminhada, pelo Governo de Borges de Medeiros, à capital do Uruguai, em 1913, uma missão educacional, com a finalidade de realizar estudos e observações sobre o funcionamento e a organização das escolas primárias do país vizinho. Essa missão ocorreu em dois momentos, no ano de 1913 e no de 1914.

No ano de 1913, o grupo encaminhado a Montevidéu foi liderado pelo Diretor da Escola Complementar, Alfredo Clemente Pinto, e composto por Afonso Guerreiro Lima, Ondina Godoy Gomes, Georgina Godoy Moritz, Marieta de Freitas Chaves e Florinda Tubino, sendo os três primeiros professores da Escola Complementar e as duas últimas auxiliares de ensino da mesma escola. A missão educacional de 1913 permaneceu três meses no Uruguai e tinha como objetivo específico estudar os métodos de ensino adotados nas aulas públicas daquele país, bem como analisar tudo que fosse relativo ao importantíssimo ramo de serviço da instrução³. Assim, por meio dessa viagem de estudos “[...] os nossos professores terão a oportunidade de colher dados preciosos de observação, que os habilitem a fazer uma útil apreciação dos nossos métodos, mediante o confronto deliberado do que lá existe com o que aqui se pratica” (A FEDERAÇÃO, 06/11/1913, p.1).

No ano seguinte, em 1914, a partir de um acordo estabelecido entre os governos do Uruguai e do Rio Grande do Sul, ainda no ano de 1913, ocorreu, então, o segundo momento da missão.

A fim de “[...] aperfeiçoarem os seus estudos e práticas do magistério, colhendo os proveitosos ensinamentos da observação dos métodos e resultados do ensino em um meio escolar diferente daquele em que fizeram os seus cursos.”⁴, três estudantes e três professoras adjuntas foram, respectivamente, aperfeiçoar seus estudos no Instituto Nacional de Senhoritas (responsável pela formação de professores) e praticar os métodos de ensino lá utilizados, tanto na Escola Normal como na de Aplicação da capital uruguaia. Assim, permaneceram em Montevidéu, durante o ano de 1914, Carolina Cunha, Olga Acauan, Marina Cunha, Idalina Mariante Pinto, Maria José de Souza e Branca Diva Pereira de Souza. As três primeiras receberam apoio financeiro tanto do governo gaúcho como um subsídio mensal de 90 pesos do governo uruguaio⁵ e as outras três receberam apenas auxílio financeiro do governo rio-grandense.

Desse grupo de seis comissionadas, apenas duas concluíram seus estudos em 1916, Olga Acauan e Branca Diva Pereira de Souza. Dessa experiência e vivência cotidiana de três anos em Montevidéu, resultou posteriormente, no Rio Grande do Sul, a adaptação e publicação de duas cartilhas.

³ **Objetivo apresentada** na reportagem de *A Federação* de 01/09/1913, p. 5.

⁴ A FEDERAÇÃO, 09/04/1914, p.4

⁵ Reportagem publicada no jornal *A Federação* em sua edição nº 00083, de 09/04/1914, p. 4.

A primeira cartilha, intitulada “Queres Ler?”, foi de autoria das professoras Olga Acauan e Branca Diva Pereira de Souza, que, no prefácio dessa obra, declararam:

Manda-nos o dever declaremos que o eminente professor uruguaio José Henriques Figueira, concedendo-nos a autorização solicitada para aplicarmos ao nosso 1º livro a perfeita processologia por ele observada no seu “Quieres Leer?”, fe-lo com rasgos de fidalguia e desinteresse cavalheiroso (ACAUAN E SOUZA, 1931, p. III).

Como pode ser evidenciado, essa obra foi uma adaptação do livro publicado pelo professor uruguaio José Henriques Figueira, “¿Quieres leer? Método Analítico-Sintético para la enseñanza de la lectura y de la ortografía”, que era utilizado nas escolas públicas uruguaias.

Por sua vez, José Henriques Figueira, assim se manifestava sobre a referida obra:

He leído la adaptación al idioma portugués de mi libro “Quieres leer?”, hecha por las maestras normalistas Olga Acauan y Blanca Diva Pereira de Souza. El trabajo está bien realizado, tanto, que estoy seguro de que la edición portuguesa de mi libro facilitará el aprendizaje educativo de la lectura y escritura a los niños del Brasil, alcanzando en dicha república el éxito halagador que ha obtenido la edición castellana en los estados rioplatenses; éxito que se debe, principalmente, a los métodos y procedimientos empleados y a los muchos detalles y pequeñeces que se tienen en cuenta en la obra, y que son todos ellos importantes para la acción educativa. (FIGUEIRA, 1931: Apud: ACAUAN; SOUZA, 1931).

A outra cartilha, “*Quero Ler: primeiro livro de leitura. Ensino global da leitura e escrita pelo método visual-ideológico*” foi produzida apenas por Branca Diva Pereira de Souza. Nesta nova obra, a autora enuncia, na capa, que se trata de uma obra que articula conjuntamente o ensino da leitura e da escrita. Não parte de palavras isoladas, mas, sim, de textos organizados por temas. Uma menina, denominada Maria, conduz as lições que são apresentadas. Ela é que vive as situações descritas nas lições, tanto as que acontecem dentro da escola, como aquelas fora da escola: em casa, na cidade e no campo. Em alguns momentos apresenta algumas sugestões de atividades, tais como exercícios de completar palavras e frases. Cabe a ressalva de que ambos os livros foram publicados pela casa editorial Selbach de Porto Alegre.

Quanto ao uso dos livros no ensino público gaúcho, é destacado por Peres (1999) que o livro *Queres Ler?* obteve mais sucesso do que o livro *Quero Ler*, sendo indicado pelas autoridades gaúchas a partir da década de 1920, para ser usado no ensino público primário gaúcho.

Por ter sido usado por muitos anos no ensino público do Estado, esse livro é constantemente lembrado por diversos professores, caso, por exemplo, da professora Mercedes Mathilde, que recordava os primeiros anos da década de 30: “Nessa preparação para ser professora, eu também tinha aulas de Pedagogia. As professoras ensinavam como devíamos proceder para dar aula. O livro usado era o primeiro livro *Queres ler?*, de autoria da professora Olga Acauan e Branca Diva Pereira de Souza” (TRINDADE, s/d, p. 60).

A obra *Queres Ler?* foi aprovada em 1924, pela Comissão de Exame de Obras Pedagógicas do Rio Grande do Sul, tendo sido recomendada para uso nas escolas públicas e particulares.

Sobre a adoção de livros didáticos no Rio Grande do Sul, cabe destacar que esse processo tem uma trajetória estruturada desde o Império. Nesse período, cabia ao Conselho Diretor da Instrução Pública indicar quais livros escolares deveriam ser adotados. A República não alterou esse modelo, mantendo o funcionamento do mesmo até 1897. Nesse ano, com o Decreto nº 89, de 02 de fevereiro de 1897, ficava entre outras determinações, estabelecido o Conselho Escolar, o qual passaria a funcionar durante oito dias úteis consecutivos para I. Discutir e propor as reformas e melhoramentos do ensino, bem como a adoção do material escolar; II. Aprovar livros e qualquer trabalho concernente ao ensino primário. (Art. 28º, Decreto nº 89).

Em 1906, com a aprovação do Decreto nº 874, de 28 de fevereiro de 1906, o Conselho Escolar foi substituído pelo Conselho de Instrução, que passou a ser composto pelo Secretário do Estado dos Negócios do Interior e Exterior, pelo Secretário da Fazenda e pelo Inspetor Geral da Instrução Pública.

Seu papel relativo à aprovação dos livros de ensino consta no Capítulo VII (Art. 31º a Art. 38º). Os seguintes artigos são pontuais:

Art. 33. Ao Conselho incumbe aprovar e adotar livros e qualquer trabalho concernente ao ensino público, bem como o material escolar.

Art. 34. Os livros e trabalhos de ensino serão submetidos à aprovação do Conselho prontos para entrarem em circulação.

Deverão ser apresentados em quatro exemplares, com indicação do preço, à Secretária de Estado dos Negócios do Interior e Exterior, 15 dias, pelo menos, antes da época designada para a reunião do Conselho. (DECRETO Nº 874 de 28.02.1906).

Esse novo órgão determinava também que o Presidente do Estado poderia requerer que o Conselho examinasse livros e trabalhos que porventura tivessem fora das condições exigidas. Deste modo, novos critérios são adotados na escolha de livros para o ensino, como deixa claro o Artigo 37. “No exame de livros e trabalhos concernentes ao ensino, o Conselho se baseará não só no merecimento intrínseco da obra, mas principalmente na sua aplicabilidade ao ensino público do Estado, e ao preço”.

Em suma, é possível ressaltar que, com a criação do Conselho de Instrução, o papel de seleção e adoção de livros didáticos deixa de ser atividade desenvolvida pelo Conselho Escolar, passando a ter um maior controle por parte do poder executivo.

Embora a obra *Queres Ler?* tenha sido aprovada em 1924, pela comissão de exame de obras pedagógicas, conforme consta na folha de rosto dos exemplares examinados, efetivamente, só após 1929, quando a comissão de exame⁶ recomenda o seu uso, é que ela passa a ser adotada. Segundo essa comissão, a recomendação estava vinculada ao fato que, para a aprendizagem da leitura inicial, o Primeiro livro “*Queres Ler?*” estava baseado “na processologia dos métodos analíticos hoje universalmente adotados”. (RELATÓRIO DE 1929, p. 102).

Apreende-se, a partir dessa ressalva e também do Parecer emitido no início da obra, que a mesma foi adotada não só pelo fato de ensinar as crianças a ler e escrever em um curto período de tempo, mas também por apresentar uma didática diferenciada da que até então vinha sendo utilizada no Rio Grande do Sul.

Tratava-se, portanto, de um livro que apresentava um “novo método para o ensino da leitura e escrita”, o *método intuitivo analítico sintético de leitura e escrita corrente de palavras e frases básicas ou normais*. *Queres Ler?* propunha, assim, aquilo que era considerado de mais moderno à época: ensino intuitivo, leitura de palavras e frases, diferenciando-se, portanto, da forma de ensinar a ler e escrever corrente e que, segundo os defensores da obra, representava uma maior qualidade para o ensino primário gaúcho.

⁶ A comissão de exame foi constituída pelos seguintes membros: Melchisedech Mathusalem Cardoso, Emílio Kemp, Henrique Emílio Meyer, João Alcides Cunha, Olga Acauan, Camila Furtado Alves e Maria Amorim.

Ao que tudo indica, há, nesta obra, uma tentativa de construir uma “nova” forma de escolar de ler, ou melhor, de ensinar e de aprender a ler, que condenava sempre a falta de sentido da leitura então praticada na escola, o anacronismo dos *métodos ABC*, a ausência de significado no ato de aprender a ler, o aborrecimento, a fadiga e a monotonia dos métodos, em especial o da soletração, que fazia uso apenas de letras e dos sons para o ensino da leitura.

Desse modo, é possível indicar que há, no *Primeiro Livro ¿Quieres Leer?*, a defesa da possibilidade de a leitura na escola ser algo vivo, animado, interessante. Ler na escola deveria ser uma forma de interpretar os sentimentos e os pensamentos. Essa leitura inteligente, compreensiva, significativa só poderia ser alcançada, portanto, através do emprego do método mais adequado de ensino da leitura: o *método intuitivo analítico sintético de leitura e escrita corrente de palavras e frases básicas ou normais*. Assim era denominado o método do *¿Quieres Leer?*. Intuitivo porque as *palavras normais ou básicas* representariam coisas que as crianças poderiam ver, tocar, palpar, observar (*QUERES LER?*, 1929, p. VIII). Intuitivo, também, porque cada palavra apresentada correspondia a um objeto respectivo supostamente do conhecimento das crianças, havendo, portanto, a associação entre as ideias e as palavras, levando a uma leitura compreensiva por parte do aprendiz (IDEM, p. XVIII). Observar e trabalhar eram características centrais no método intuitivo: “[...] observar significa progredir da percepção para a idéia, do concreto para o abstrato, dos sentidos para a inteligência, dos dados para o julgamento [...]” (VALDEMARIM, 1998, p. 69). A importância dos sentidos, da reflexão, da compreensão, da significação das palavras, da “observação do próprio pensamento” (VALDEMARIM, 1998, p.72) eram pilares da proposta de ensino da leitura do *¿Quieres Leer?*.

Propor o *método intuitivo analítico sintético* para o ensino da leitura significou um esforço de produção de um discurso que tentava convencer professores/as de que a leitura era um processo “essencialmente analítico” (*QUERES LER?*, 1929, p.X) e que, portanto, a proposta era realmente a mais moderna, a mais eficiente e que traria os melhores resultados no ensino da leitura. O autor e as adaptadoras desse método sustentavam a idéia de que, somente com a introdução do mesmo nas escolas primárias, seria possível a formação de *bons leitores*. E ser um bom leitor previa a liberdade do educando, a espontaneidade durante o ato de ler, a independência do leitor. Ser um bom leitor era, fundamentalmente, ler mais, ler com interesse, ler atribuindo significado ao texto, ler para dominar outros

conhecimentos.

Destacado alguns aspectos do contexto de produção/adaptação da obra didática *Queres Ler?* e enfatizados os princípios da proposta da obra uruguaia *¿Quieres Leer?*, passamos, então, a apresentar os primeiros elementos evidenciados a partir da análise comparativa entre os diferentes exemplares.

2. ¿QUIERES LEER? E QUERES LER?: SIMILARIDADES E DIFERENÇAS

Ao comparar a capa da edição uruguaia com uma das primeiras edições da adaptação gaúcha (1929), percebemos, por um lado, diferenças gráfico-editoriais entre elas e, por outro, a conservação de alguns aspectos. Identificamos, também, algumas alterações entre a 3ª ed. e a 32ª de *Queres ler?*, ou seja, de uma edição para outra no caso gaúcho. Começemos, pois, com as capas, reproduzidas nas imagens abaixo:



FIGURA 1 – Capa dos exemplares uruguaio e gaúchos.
FONTE: Edições *¿Quieres Leer?*(s/ed.), *Queres Ler?* (3ª ed.) e *Queres Ler?* (32ª ed.)

Dentre os aspectos analisados a partir da Figura 1, ressaltamos, em primeiro lugar, o fato de as capas manterem uma proposta gráfica semelhante, especialmente em termos de estrutura, qual seja: a imagem é seguida do título e subtítulo da obra e do nome da editora na parte inferior da capa. Apresentam, ainda, a arte gráfica basicamente com as mesmas cores – vermelho e azul, embora mude, significativamente, a cor da capa entre a 3ª e 32ª edições gaúchas.

Tais semelhanças podem significar o anseio das adaptadoras em manter certa “fidelidade” com a edição uruguaia. Outro indicativo que nos permite essa inferência é o fato de a 3ª edição, de 1929, ainda utilizar o nome da obra em letras maiúsculas, na cor vermelha

e manter o uso do ponto de interrogação próprio do espanhol no início da interrogativa ¿*Quieres Ler?*; (contudo, assim está na capa, mas não nas páginas iniciais do livro).

O segundo aspecto que identificamos é acerca das informações contidas na versão uruguaia e na 3ª edição gaúcha, de 1929. Ambas as edições destacam, nos cantos esquerdos e direitos inferiores da capa, os princípios do método adotado no livro: “lectura rápida y sin deletreo e una dificultad por vez” (¿*QUIERES LEER?*, s/d) e “leitura sem soletração nem syllabação e cada dificuldade por sua vez” (*QUERES LER?*, 1929, 3ª ed.). Já na 32ª edição gaúcha, essa informação desaparece, indicando, talvez, que, nas primeiras edições, como no caso da 3ª ed., de 1929, tal dado era relevante para obter legitimidade, uma vez que o livro/método era considerado novo e ainda enfrentava algumas resistências para sua utilização no Rio Grande do Sul.

O terceiro aspecto que ressaltamos são as ilustrações das capas que se diferem. Na versão uruguaia, há a reprodução de uma clássica cena identificada como: “*Origem de la escritura y la lectura (Edad de la Piedra; Epoca del Reno)*”. Já as versões gaúchas trazem uma menina com um livro “ensinando” animais. Como é perceptível, essa imagem tem algumas alterações da 3ª para a 32ª edição. Precisariamos de mais elementos para explicar a opção gaúcha por essa imagem e esse projeto gráfico. Por ora, o visível nos permite dizer que, para o caso gaúcho, a opção esteve mais ligada àquilo que era considerado do mundo infantil, enquanto a decisão editorial no caso uruguaio foi por uma imagem “clássica” que remete ao início do período da escrita.

Para além das informações trazidas na capa, pode-se apreender que, na obra, a leitura é considerada um “trabalho inteligente”, uma *disciplina* que permite adquirir a maior parte dos conhecimentos possíveis às pessoas. Elemento propulsor da oralidade, do enriquecimento do vocabulário, da prática da ortografia, a leitura é apresentada como indissociável da escrita. Leitura não poderia, assim, ser um trabalho da memória. Não deveria, por isso, ser ensinada através de sons “que nada significam” (*QUERES LER?*, 1929), de letras ou de sílabas. É possível evidenciar, assim, que a organização da obra tem como ponto de partida a palavra associada à imagem e à ideia no ensino da leitura e escrita.

Os três exemplares analisados são compostos de quatro partes - as três primeiras são constituídas por grupos de “palavras normais” - e a quarta por trechos literários -, que possuem, na

configuração da página, uma padronização, como pode ser observado nos exemplos a seguir:

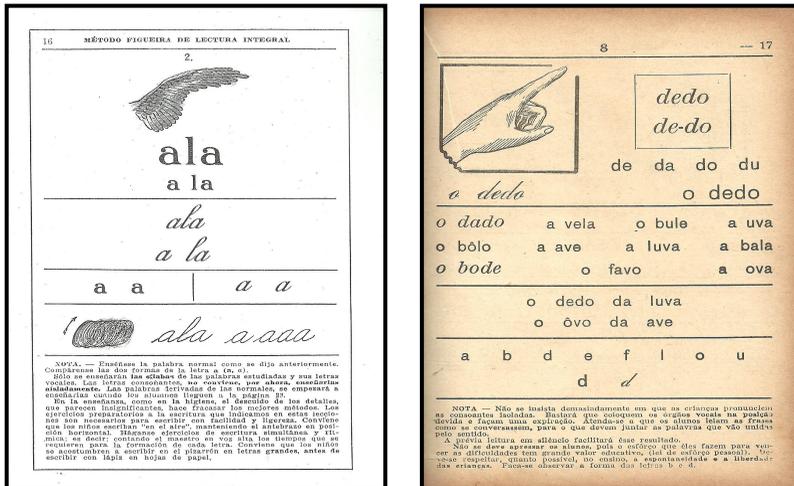


FIGURA 2 – Lição do primeiro grupo de palavras “normais” do exemplar uruguaiou e Lição do segundo grupo de palavras “normais” da edição gaúcha.
 FONTE: Edições ¿Quieres Leer?(s/ed., p. 16) e Queres Ler? (32ª ed., p.17)

A imagem é sempre reproduzida no início de cada lição, o que nos permite apreender que ler era, acima de tudo, compreender, dar sentido ao que era lido, em uma associação das palavras com as ideias e sempre com o auxílio da imagem, na perspectiva do ensino intuitivo, revelando que aspectos gráficos e aspectos pedagógicos estão associados na configuração das páginas dos livros.

A imagem é considerada, nesta obra, a “companheira da idéia” e também se constituía como uma forma da linguagem escrita. Nesse sentido, outro aspecto que pode ser destacado a partir da configuração das páginas é a escrita das palavras abaixo (no primeiro grupo de palavras) ou ao lado (a partir do segundo grupo de palavras) de cada imagem, para posterior apresentação das sílabas derivadas e da letra em questão. Contudo, cabe destacar que as derivações silábicas são apresentadas, nos três exemplares, apenas a partir do segundo grupo de palavras “normais”.

Outro aspecto que pode ser destacado é o uso do hífen como marcador de espaçamento entre as sílabas. Na edição uruguaiou, ele começa a ser utilizado apenas no terceiro grupo de palavras

“normais”, enquanto, nas adaptações gaúchas, ele já é utilizado no segundo grupo de palavras.

A partir disso, é possível afirmar que a disposição na página evidencia tanto os princípios do método como também orienta o ‘fazer’ dos professores/as, indicando como os mesmos deveriam conduzir seus trabalhos: discutir sobre os objetos que as figuras representam, trabalhar com a unidade da palavra, para posteriormente, então, decompor as palavras “normais” em sílabas e letras (*QUERES LER?*, 1929, p. 1-2). Assim, a disposição da imagem, das palavras, das letras e sílabas no livro segue também uma dada pedagogia da leitura que o autor pretendia ver efetivada nas salas de aulas.

É importante destacar, nesse sentido, que não houve diferenças significativas no que tange à configuração de página da adaptação feita por Olga Acauan e Branca Diva Pereira de Souza, uma vez que as duas edições gaúchas cotejadas têm a mesma orientação gráfica, não sendo assim observada entre o exemplar uruguaio e os gaúchos grandes mudanças na proposta que estava associada aos princípios que constituem o *método intuitivo analítico sintético de leitura e escrita corrente de palavras e frases básicas ou normais*.

O que percebemos é que há diferenças entre o grupo de palavras “normais” existentes em cada uma das edições. A principal delas, como mostra o gráfico a seguir, faz referência à quantidade de imagens associadas às lições distribuídas entre as quatro partes que compõem os exemplares, bem como o número de trechos literários utilizados em cada um deles:

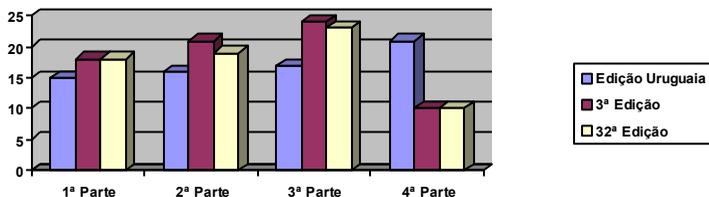


FIGURA 3 – Gráfico com número de imagens associadas às lições.

FONTE: Edições *¿Quieres Leer?(s)ed.*, *Queres Ler?* (3ª ed.) e *Queres Ler?* (32ª ed.).

Os dados referem-se, portanto, a presença de imagens na edição uruguaia e nas duas gaúchas. A partir dos dados

demonstrados neste gráfico, é possível constatar diferenças entre o número de imagens reproduzidas nas lições de cada edição, mesmo entre as duas edições gaúchas. Ainda que essa diferença seja pequena entre os primeiros grupos de palavras “normais” presentes na 1ª Parte dos livros – 15 imagens na versão uruguaia e 18 nas duas edições gaúchas -, é perceptível que, nos grupos de palavras trabalhadas posteriormente, na 2ª e na 3ª Partes, a diferença é significativa. Ou seja, foram 16 imagens utilizadas na 2ª Parte da edição uruguaia e, respectivamente, 21 na 3ª ed. e 19 na 32ª edição gaúcha. Já na 3ª Parte dos exemplares, foi evidenciado o uso de 17 imagens na versão uruguaia, e 24 e 23 nas duas edições gaúchas.

A partir disso, é possível apreender que o número de imagens usadas na versão uruguaia se diferencia, consideravelmente, do número utilizado nas versões gaúchas, principalmente na 2ª e na 3ª Parte do livro, quando a versão uruguaia apresenta uma diferença aproximada de, respectivamente, 04 e 06 imagens para as edições gaúchas. Assim, se fôssemos posicionar as edições em uma escala representando o número de imagens associadas às lições, teríamos, em primeiro lugar, com maior número de imagens, a 3ª edição gaúcha, seguida da 32ª edição e, em terceiro lugar, com o menor número de imagens, a versão uruguaia. Ou seja, entre uma edição e outra, no Rio Grande do Sul, houve alterações importantes em *Queres Ler?*.

Observando nas obras, mais especificamente as lições da 2ª e da 3ª Parte, percebe-se que são trabalhadas, respectivamente, palavras de oito letras e três sílabas; acento agudo; sílabas com até três letras; figuras de letras duplas e de duplo som; letras maiúsculas inglesas, itálicas e romanas; sinais de interrogação; ponto e vírgula e frases simples e, palavras de nove letras e quatro sílabas; acento circunflexo; sílabas de até quatro letras; letras de som composto; sinal de exclamação, dois pontos e frases simples.

A partir dessas lições, pode-se lançar a hipótese de que o número diferenciado de imagens associadas às lições possa estar relacionado às distinções ortográficas entre o Português e o Espanhol, pois foi percebido, por exemplo, que, na 2ª Parte das edições gaúchas, são trabalhados o LH, o NH e o Ç (cedilha), que não existem na língua espanhola e logo inexistem na versão uruguaia. Nesse sentido, pode-se dizer que as diferenças linguísticas impuseram acréscimos de um livro produzido em contexto de língua espanhola para aquele adaptado para o português.

Ainda a partir do gráfico apresentado anteriormente, é

possível evidenciar a significativa diferença entre o número de trechos literários apresentados nos três exemplares, os quais são apresentados na 4ª parte dos livros. As edições gaúchas apresentam, praticamente, uma redução de 50% do número de textos apresentados na versão uruguaia e, para o caso gaúcho, os textos apresentados na 3ª edição são os mesmos da 32ª edição, com exceção ao acréscimo do Hino Nacional Brasileiro nesta última.

Cotejando os textos da edição uruguaia e das edições gaúchas, é possível afirmar que, dos dez textos presentes nas edições gaúchas, sete, ainda que sejam diferentes, tratam da mesma temática abordada na versão uruguaia. São eles: *Minha boneca*, *Os gatinhos*, *A esmola*, *Meu cãozinho*, *Uma carta*, *As frutas do vizinho* e *A bandeira do país*. Os outros três textos apresentados nas edições gaúchas são intitulados, respectivamente: *A oração da manhã*, *O menino asseado* e *Um menino atencioso*. Esses três textos tratam, respectivamente, de temáticas relacionadas à religião, higiene e comportamento. Possivelmente esses aspectos foram acrescentados às edições gaúchas por também pertencerem e sustentarem o projeto de governo gaúcho à época: regular as condutas e os comportamentos para a construção de uma nova ordem social.

A comparação realizada no que tange à organização/composição dos três exemplares indica que, na versão uruguaia, havia uma preocupação maior com os movimentos necessários ao ato de ler e escrever, bem como indicava um acompanhamento mais rigoroso, por parte da/os professoras/es, da postura dos alunos para a escrita, inexistente no projeto gráfico da versão gaúcha.

Exemplo dessa ressalva pode ser observado na Figura 2, apresentada anteriormente no texto. A adaptação gaúcha não conserva, nas edições cotejadas, a apresentação dos movimentos necessários à escrita da letra, o que pode ser percebido ao trazermos trechos das notas apresentadas nas lições da Figura 2.

[...] Enséñese a escribir desde el principio. Combinando los movimientos de los dedos, de la mano y de el antebrazo. Los ejercicios preparatorios que indicamos son muy útiles. [...] Los niños tendrán una regla de 30 cm para verificar la distancia entre los ojos y el libro o el papel en que escriben (*¿QUIERES LER?*, s/d, p. 17).

Explique-se o valor prosódico do ponto final. A escrita e a leitura devem ser ensinadas simultaneamente. Não se insista em que os

alunos pronunciem as consoantes isoladas. Bastará que coloquem os órgãos vocaes na posição devida. [...] (*QUERES LER?*, 1929, p. 3).

Essas notas indicam uma diferença existente entre a versão uruguaia e as edições gaúchas, no que tange à maneira como os/as professores/as deveriam conduzir cada lição no processo de aprendizagem das crianças. Elucida-se um maior rigor nas orientações uruguaias para o treino gráfico, dos movimentos da escrita e a postura necessária para ler, pois se acreditava que os mesmos eram indispensáveis para *adquirir soltura al escribir* e para evitar *la miopia* (*¿QUIERES LEER?*, s/d, p. 12 e 14).

Nesse sentido, é importante ressaltar que, na versão uruguaia, essas indicações referentes a certo comportamento leitor e escritor, compreendidas como as mais adequadas, aparecem de forma recorrente. Logo nas páginas iniciais são apresentadas, entre outras: (i) a imagem de uma menina chamada Alicia e a descrição de uma postura considerada como a mais adequada para o ato de escrever; (ii) uma *tabla*⁷ *numérica* com exercícios de pontos, linhas e figuras, considerados como o primeiro passo para a leitura e escrita de palavras e frases e (iii) a representação de dez movimentos musculares preparatórios para a escrita. Todavia, percebemos que, embora esse rigor não tenha sido reproduzido na versão gaúcha, há uma preocupação em apresentar de forma bem explicativa, no início do livro, nove notas orientando o trabalho dos/as professores/as e, ao final, instruções práticas sobre a didática da leitura. Essas orientações seguem os princípios do método/livro uruguaio e enfatizam a necessidade de as crianças realizarem exercícios repetitivos e treinarem o traçado das letras, contudo, elas não fazem destaques específicos, por exemplo, sobre a postura para a escrita e tampouco sobre a posição dos dedos para segurar o lápis ou sobre a distância mais adequada para a leitura.

Essas foram algumas das observações possíveis de fazer ao cotejar as três edições. Como lembra Frade (2010a, p.173), “nos manuais para o ensino da leitura e da escrita do final do século XIX e início do século XX, parece haver uma força pedagógica que define certa visualidade nos livros”. *¿Quieres Leer?* e *Queres Ler?* indicam que essa “força pedagógica” que definiu a visualidade do livro e as opções gráfico-editoriais estavam associadas, fundamentalmente, ao método intuitivo e ao novo método da

⁷ Algumas palavras serão mantidas em espanhol.

palavração das primeiras décadas do século XX, em voga, praticamente, em todas as culturas de escrita alfabética.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O primeiro aspecto a destacar neste trabalho não está ligado diretamente aos livros que tomamos como objeto de estudo, mas, sim, à situação que permitiu que uma obra didática uruguaia fosse adaptada no Rio Grande do Sul: o intenso intercâmbio entre o Estado gaúcho e o país vizinho, o Uruguai. Há, talvez, aqui, a necessidade de serem feitos estudos mais sistemáticos, a fim de identificar a circulação de ideias e práticas pedagógicas entre o Rio Grande do Sul e a República do Uruguai.

No que diz respeito à circulação e uso da cartilha *Queres Ler?* no Rio Grande do Sul, é possível destacar o papel desempenhado pela Livraria Selbach à época, o que contribuiu significativamente para a distribuição da mesma. Quanto à adoção de *Queres Ler?* para uso nas escolas públicas do Estado, é importante ressaltar o maior controle do poder executivo, através da criação do Conselho de Instrução em 1906, já que os jogos de interesses políticos passaram a permear, de forma mais evidente, a seleção de algumas obras.

Em relação aos livros analisados, podemos dizer o seguinte: *Queres Ler?* foi adaptada tanto mantendo aspectos da *¿Quieres Leer?*, como modificando-os. As autoras e os editores possivelmente criaram alternativas durante o processo de adaptação que atendiam critérios “possíveis” à época, tanto do ponto de vista gráfico quanto pedagógico. Talvez, alguns recursos estivessem disponíveis na editora “Casa A. Barreiro y Ramos S.A., de Montevideo”, e não aqui, na editora responsável pela publicação da *Queres Ler?*, Livraria Selbach de J. R. da Fonseca & Cia – Porto Alegre, e vice-versa. Igualmente, talvez do ponto de vista da pedagogia da leitura proposta e das estratégias pedagógicas, alguns aspectos eram mais aceitáveis no Rio Grande do Sul do que no Uruguai, ou, ainda, funcionam mais e melhor para o caso do ensino do Espanhol e não do Português, e vice-versa.

O que nos leva a concluir, com a já conhecida ideia indicada por Chartier (1996; 2000), que os autores não fazem livros, fazem textos; quem faz livros são os editores. Provavelmente, isso explique, se não tudo, boa parte dos aspectos que se mantiveram e/ou se modificaram nas versões estudadas.

REFERÊNCIAS

ACAUAN, Olga; SOUZA, Branca Diva Pereira de. *¿Queres ler?: primeiro livro*. 4ª ed. Porto Alegre: Livraria Selbach de J. R. da Fonseca & Cia. 1931.

_____. *¿Queres ler?: primeiro livro*. 3ª ed. Porto Alegre: Livraria Selbach de J. R. da Fonseca & Cia. 1929.

ACAUAN, Olga; SOUZA, Branca Diva Pereira de. *Queres ler?: primeiro livro*. 32ª ed. Porto Alegre: Livraria Selbach de Selbach & Cia.

ARRIADA, Eduardo; TAMBARA, Elomar. Uma história editorial: tipografias, editoras e livrarias de Pelotas. In: RUBIRA, Luís (Org.). *Almanaque do Bicentenário de Pelotas*. Volume 2. Santa Maria: Gráfica e Editora Pallotti, 2014, pp. 227-269.

CHARTIER, Roger. Do livro à leitura. In: CHARTIER, Roger (org.). *Práticas de Leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

_____. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. São Paulo: Editora Unesp, 1999.

_____. *As revoluções da leitura no Ocidente*. In: ABREU, Márcia. *Leitura, História e História da Leitura*. São Paulo: ALB/FAPESP/Mercado de Letras, 2000.

CORSETTI, Berenice. *Controle e Ufanismo: A escola pública no Rio Grande do Sul (1889/1930)*. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Maria. UFSM, RS, 1998.

DECRETO n. 89 de 02 de fevereiro de 1897. *Reorganiza a instrução primária do Estado do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Oficinas typographicas d' A Federação, 1897.

DECRETO n. 874 de 28 de fevereiro de 1906. *Reorganiza o serviço da instrução pública do Estado*. In: *A Federação*. Porto Alegre, 09 de março de 1906.

FIGUEIRA, José Henriques. *¿Quieres Leer?*. Casa A. Barreiro y Ramos. S.A. Montevideo.

FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva. *Livros para ensinar a ler e escrever: uma pequena análise da visualidade de livros produzidos no Brasil, em Portugal, e na França, entre os séculos XIX e XX*. In: BRAGANÇA, Aníbal; ABREU, Márcia. *Impresso no Brasil. Dois séculos de livros brasileiros*. São Paulo: Editora da UNESP, 2010a. pp. 171-190.

_____. Livros de leitura de Abílio César Borges: ideários pedagógicos, produção e circulação. In: SCHWARTZ, Cleonara; PERES, Eliane; FRADE, Isabel Cristina A. S.. (Org.). Estudos de História da Alfabetização e da Leitura na Escola. 1 ed. Vitória, ES: EDUFES, 2010b. pp. 171-208.

_____. Arthur Joviano: um estudo sobre as relações entre autor, Estado, editoras, usuários e sobre método de palavras em Minas Gerais, no início do século XX. In: SCHWARTZ, Cleonara; PERES, Eliane; FRADE, Isabel Cristina A. S.. (Org.). Estudos de História da Alfabetização e da Leitura na Escola. 1 ed. Vitória, ES: EDUFES, 2010c. pp. 209-252.

GILOLO, Jaime. Estado, Igreja e Educação no RS da Primeira República. Tese de Doutorado. (Doutorado em História e Filosofia da Educação). Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. SP. 1997.

HALLEWELL, L. O livro no Brasil: sua história. 2º edição. São Paulo: Edusp, 2005.

PERES, Eliane Teresinha. A produção e o uso de livros de leitura no Rio Grande do Sul: Queres Ler? e Quero Ler. [89-103]. História da Educação. Vol. 3. Nº 6. Pelotas: Editora da UFPEL, outubro de 1999.

_____. Aprendendo formas de pensar, sentir e de agir. A escola como oficina da vida: discursos pedagógicos e práticas escolares da Escola Pública Primária Gaúcha (1909-1959). Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Minas Gerais. UFMG, 2000.

PFROMM NETTO, Samuel et alli. O livro na Educação. Rio de Janeiro: Primor/INL, 1974.

PORTO ALEGRE. A Federação.

Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=388653> .

RELATÓRIO apresentado ao Sr. Dr. A. A. Borges de Medeiros. Presidente do Estado do Rio Grande do Sul. Pelo Dr. Protásio Antonio Alves. Secretário de Estado dos Negócios do Interior e Exterior. Em 08 de setembro de 1913. Porto Alegre: Oficinas Graphicas da Livraria do Globo, 1913.

RELATÓRIO apresentado ao Dr. Getúlio Vargas, Presidente do Estado do Rio Grande do Sul, pelo Dr. Oswaldo Aranha, Secretário de Estado dos Negócios do Interior e Exterior. Em 28 de agosto de 1929. Porto Alegre: Oficinas Graphicas d' "A Federação", 1929.

TAMBARA, Elomar. Positivismo e Educação: a educação no rio grande do sul sob o castilhismo. Pelotas: Editora Universitária/UFPeL, 1995.

TRINDADE, Iole Maria Faviero. A invenção de uma nova ordem para as cartilhas: ser maternal, nacional e mestra. Queres ler?. Tese de Doutorado.

Programa de Pós- Graduação em Educação – UFRGS, 524f. Porto Alegre, 2001.

_____.Identities alfabetizadas. Entrevistas. Projeto de pesquisa CNPq/FAPERGS, Porto Alegre, s/d.

VALDEMARIM, Vera Teresa. Método Intuitivo: os sentidos como janelas e portas que se abrem para um mundo interpretado. In: SOUZA, R. F., VALDEMARIM, V. T. e ALMEIDA, J. S. O legado educacional do século XIX. Araraquara: UNESP, 1998.

EDITORA E GRÁFICA DA FURG
CAMPUS CARREIROS
CEP 96203 900
editora@furg.br